



**Carla Rodrigues**

**Rastros do feminino: sobre ética e política  
em Jacques Derrida**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do  
Departamento de Filosofia da PUC-Rio como parte dos  
requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Paulo Cesar Duque-Estrada

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2010



**Carla Rodrigues**

**Rastros do feminino: sobre ética e política  
em Jacques Derrida**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Paulo Cesar Duque Estrada**

Orientador

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

**Prof. Rafael Haddock-Lobo**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

**Prof. Fernando Augusto Soares Fragozo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Maria Cristina Franco Ferraz**

Universidade Federal Fluminense – UFF

**Profa. Dirce Eleonora Nigro Sollis**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Denise Berruezo Portinari**

Coordenador Setorial do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 2010.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Carla Rodrigues**

Jornalista, graduada em Comunicação Social, defendeu o mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em março 2008.

### Ficha Catalográfica

Rodrigues, Carla

Rastros do feminino : sobre ética e política em Jacques Derrida / Carla Rodrigues ; orientador: Paulo Cesar Duque Estrada. – 2010.

210 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2010.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Feminino. 3. Hospitalidade incondicional. 4. Responsabilidade infinita. I. Duque-Estrada, Paulo Cesar . II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

## Agradecimentos

Começo nomeando algumas das pessoas com as quais tive o prazer de compartilhar esse percurso acadêmico. Sei que deveria começar pelo orientador, o professor Paulo Cesar Duque Estrada, mas vou propositalmente deixá-lo para o final, decisão que *só depois* será compreendida.

Agradeço antes disso aos professores que estiveram na banca, Rafael, Fernando, Dirce e Cristina, pelo privilégio de tê-los como leitores do meu trabalho. Agradeço aos meus colegas com os quais cursei o mestrado e o doutorado, particularmente os que, como eu, estudam Derrida, pelas trocas sempre muito ricas. Agradeço também aos meus colegas do Departamento de Comunicação, com os quais tenho a sorte de trabalhar. Para minha alegria, muitos estão aqui presentes. Do departamento, quero agradecer também e principalmente aos professores Cesar Romero e Miguel Pereira, que puderam acolher as minhas ausências exigidas pelo mestrado e pelo doutorado.

Não seria possível nomear todos os amigos e amigas que compartilharam comigo os momentos felizes de escrita dessa tese – que, sim, foi escrita com imensa satisfação, apesar de todas as dificuldades inerentes ao processo de pesquisa e de escrita. E agradeço também a vocês que estão presentes. É um privilégio afetivo tê-los aqui, e infelizmente não será possível agradecer nominalmente a cada um de vocês.

Para expressar meu agradecimento ao professor Paulo Cesar conto duas histórias.

A primeira, explica a minha escolha por trabalhar com Derrida. Desde antes do meu ingresso no mestrado, quando decidi que estudaria o pensamento de Derrida, inúmeras foram as vezes que me perguntaram por que eu havia escolhido esse autor. Eu sempre começo a minha resposta contando que foi em 2004, quando Derrida esteve no Brasil e eu fui assistir a um colóquio em que ele estava presente.

Nesse momento da minha narrativa, a grande maioria das pessoas acha que já entendeu: ah, então você ouviu o Derrida falar e se interessou em estudá-lo, dizem, me interrompendo.

Sou então levada a explicar que, na verdade, embora eu tenha assistido à conferência do Derrida e tenha me influenciado muito, foi durante o colóquio que ouvi o Paulo Cesar fazer uma apresentação sobre Derrida. Ele já tinha sido meu professor no ano anterior, no curso de especialização, mas tínhamos estudado Heidegger. Naquele colóquio, Paulo abordou um tema que eu perseguia como inquietação pessoal há algum tempo: o questionamento do sujeito estável e suas consequências éticas e políticas.

Já havia então para mim um paradoxo a ser enfrentado pelas mulheres em geral e pela teoria feminista em particular: como afirmar a mulher como sujeito num cenário em que os chamados pós-modernos estavam desconstruindo a própria ideia de sujeito?

Depois de ouvir a leitura do Paulo para o pensamento de Derrida tive a oportunidade de transformar em objeto de estudo isso que poderia ter desvanecido como inquietação pessoal. No mestrado, em que discuti esse paradoxo ao colocar em debate o pensamento de Derrida com o das teóricas feministas pós-estruturalistas. No doutorado, numa tese que teve como ponto de partida um anteprojeto que pretendia investigar como traduzir o pensamento de Derrida numa prática política e responder a duas perguntas: “É possível formular uma ética e uma política com o pensamento da desconstrução? É possível traduzi-las numa prática?”

Tinha chegado a essas questões por que, depois de escrever a dissertação sobre desconstrução e política feminista, me parecia mais ou menos natural tentar transbordar aquelas questões para a política no seu sentido mais amplo. Mas também poderia ser mais ou menos natural aprofundar a pesquisa sobre o feminino em Derrida.

Conto a segunda história: Paulo insistia em afirmar que não se pode atribuir a Derrida um pensamento do feminino ou uma teoria do feminino. Até que, em uma de suas aulas, quando eu já estava matriculada no doutorado, ele disse e eu cito: “O feminino em Derrida é uma forma de pensar que reconhece a impossibilidade de apropriação e que, ao invés de se apropriar da coisa, deixa que a coisa seja”.

Estava dada a chave da minha pesquisa: não se pode pretender apontar para a presença de uma teoria do feminino ou para um pensamento do feminino em Derrida.

Pretendo me inscrever como mais uma leitora de Derrida na Filosofia. É importante dizer que essa tese quer também reforçar o lugar que o pensamento da desconstrução reivindica no âmbito filosófico. Nesse sentido, meu trabalho tem a pretensão de fazer parte da história da recepção de Derrida no Brasil, uma história que está ligada à PUC-Rio. Começa aqui nos anos 1970, no departamento de Letras, pelas mãos de Silviano Santiago, passa por autores como Anamaria Skinner, Leila Perrone-Moisés e Luiz Fernando Medeiros Carvalho, a quem agradeço a presença, e chega ao Departamento de Filosofia, também na PUC-Rio, em tarefa empreendida pelo Paulo Cesar desde o início dos anos 2000.

Para encerrar esses agradecimentos, recorro à pergunta que estava na motivação inaugural desse trabalho: “É possível formular uma ética e uma política com o pensamento da desconstrução?”. Hospitalidade incondicional e responsabilidade infinita seriam as respostas de Derrida. A esta pergunta segue-se outra: “É possível traduzi-las numa prática?”, para a qual esboço como resposta: *Talvez*.

Derrida fez questão de manter um compromisso radical com pensamento, que eu proponho ser o último, *talvez* o único, lugar de resistência. Se ainda há um lugar para resistir, esse lugar é o pensamento.

Obrigada, Paulo, pela hospitalidade incondicional a essa tese que quer ser uma experiência de pensamento e de resistência. Nunca será possível agradecer apropriadamente à sua hospitalidade incondicional.

Nunca será possível agradecer apropriadamente à cumplicidade do meu amigo Rafael Haddock-Lobo.

Nunca será possível agradecer apropriadamente ao apoio incondicional do professor Cesar Romero Jacob.

A esta lista de gratidões impossíveis devo acrescentar ainda minha filha, Carolina Rodrigues Medeiros, e aos que direta ou indiretamente contribuíram neste percurso: Ana Maria Continentino, Andrea Ravizzini, Andrea Rodrigues Naylor, Adriana Braga, Ângela Freitas, Anna Cristina Águas, Arthur Dapieve, Bruna Aucar, Carolina Tapajós Vargas, Claudia Castro, Claudia Marcondes, Claudia Silberman, Creso Soares Jr, Cristina Matos, Daniel Cavalcanti, Danielle Peres, Denise Pegorim, Dirce Sollis, Dorrit Harazim, Elaine Brandão, Elizabeth Duque-Estrada, Enaide Bezerra Barros, Fernanda Bernardo, Fernando Facó, Gerson Rodrigues, Glenda Rodrigues Rangel, Joana Medina, José Maria Arruda,

José Renato de Faria, Letícia Hees, Lígia Saramago, Luiz Fernando Carvalho Medeiros, Luiz Kleber Hollinger, Marcelo Kischinhevsky, Marcos Loureiro de Sá, Maria Continentino Freire, Maria Cristina Franco Ferraz, Maria Luiza Heilborn, Maria Teresa Citeli, Miguel Serpa Pereira, Miriam Hermetto, Paula Padilha, Paulo Roberto Pires, Pedro Verdial, Raquel Carvalho, Renata Maciel, Rodrigo Brum, Rosana Suarez, Sandra Cudicevi, Sergio Becker, Tatiana Grenha, Terezinha Iara Rodrigues e Xico Vargas.

Agradeço ainda ao suporte e à paciência das secretárias do Departamento de Filosofia, Diná e Edna, e de todos os funcionários do Departamento de Comunicação Social, especialmente Andrea, Marise, Neli e Valéria.

## Resumo

Rodrigues, Carla; Duque-Estrada, Paulo Cesar (Orientador). **Rastros do feminino: sobre ética e política em Jacques Derrida**. Rio de Janeiro, 2010. 210p. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho se propõe a refletir sobre a maneira como o filósofo Jacques Derrida pensa o feminino e faz articulações entre o pensamento do feminino e a maneira como ele pensa a ética e a política. Estão em debate temas caros ao pensamento da desconstrução, como o questionamento da metafísica da presença e sua respectiva garantia de sentido; a suspensão, entre aspas, de todos os conceitos filosóficos, o tratamento do “sexual”, do “identitário” e do “ontológico” e suas relações com o tema da diferença; além das proposições do feminino como estrutura radical de acolhimento. Através de tais tematizações, o autor recoloca em novos termos tanto a ética, renomeada de hospitalidade incondicional, quanto a política, que passa a ser chamada de responsabilidade infinita.

## Palavras-chave

Feminino; hospitalidade incondicional; responsabilidade infinita.



## Abstract

Rodrigues, Carla; Duque-Estrada, Paulo Cesar (Advisor). **Traces of the feminine: ethics and politics in Jacques Derrida**. Rio de Janeiro, 2010. 210p. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work intends to reflect on how the philosopher Jacques Derrida thinks the feminine and makes links between the thoughts of the feminine and the way he thinks ethics and politics. Are in discussion topics important to deconstruction, as the questioning of the metaphysics of presence; the suspension in quotation marks, of all philosophical concepts, the treatment of "sexual", the identity" and "ontological "and its relationship to the theme of difference, beyond the propositions of the feminine as otherness. Through such discussions, the author brings back in terms of both new ethics, renamed unconditional hospitality, as the policy, which shall be called the infinite responsibility.

## Keywords

Feminine; unconditional hospitality; infinite responsibility.

## Sumário

Introdução	12
1. O sujeito é uma fábula: humanismo, metafísica e falo-logo-fono-centrismo	17
A crítica ao humanismo	28
Fono-falo-logo-centrismo	34
Significado Transcendental	43
Os pais do logos	46
Theuth e Thamous	47
Os arcontes	51
2. Entre véus e velas: feminino e indecidibilidade	55
A circularidade do sol	63
Sobretudo não me confundam: os estilos de Nietzsche	67
Véus e velas	71
Verdade e aparência	79
Há khôra, mas <i>a</i> khôra não existe	83
Por baixo das saias de uma mulher	86
3. A costela de Adão: diferenças sexuais, feminino e alteridade	99
Fantasmas do feminismo	101
Feminino e alteridade	109
E Deus criou a mulher	116
A costela de Adão e as diferenças sexuais em Lévinas	121
Diferenças sexuais: Derrida e Heidegger	126
4. Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade	131
Da hospitalidade	142
Condições da hospitalidade universal	142
<i>Hostipitalidade</i> : a hospitalidade fundada na hostilidade	145
Estrangeiro aqui como em toda parte	148
Sinta-se <i>como se</i> estivesse na sua própria casa	154
Genealogias	164
Eis-me aqui: o sim da responsabilidade infinita	171
Passagens	174
Silêncios e segredos	179
Como se fosse uma conclusão: limites da razão	187
Referências	195

*É impossível para mim ter um filósofo como mãe. Minha mãe não poderia ser uma filósofa. Um filósofo não poderia ser minha mãe, e isso é muito importante e quer dizer muitas coisas. Quer dizer que a figura de um filósofo, para mim, e foi por isso que desconstruí a filosofia, é sempre uma figura masculina. Toda a desconstrução do falocentrismo é a desconstrução de toda a ligação da filosofia, desde sempre, a uma figura masculina e paternal. O filósofo é um pai, não uma mãe. Um filósofo que fosse minha mãe seria um filósofo pós-desconstrutivo. Minha mãe, como filósofa, deveria ser minha neta, por exemplo. Uma mulher filósofa que reafirmaria a desconstrução, uma mulher que pense.*

*Uma mãe pensante.*

*J. Derrida*